

Desafios da análise de acidentes do trabalho (AAT)

Ildeberto Muniz de Almeida

[Faculdade de Medicina de Botucatu UNESP]

AAT são construções técnicas e sociais que desafiam profissionais de vigilância em saúde. Nos anos 80, no Espírito Santo, me deparei com a seguinte situação. Dois ou três trabalhadores comandavam ponte rolante e o transporte de painelão de aço líquido. Pouco antes de verter o conteúdo em lingoteira houve uma expansão gasosa no interior da panela e o aço líquido foi lançado para fora dando um banho nos trabalhadores. Perguntei ao responsável pela segurança na empresa por que a panela não tinha tampa. A resposta foi: “Impossibilidade de processo”. Cada “corrida” produzia aço com diferentes teores de ferro, manganês, cobre, etc.

A tampa não permitiria atender às especificações dos clientes. Chequei essa resposta com colegas médicos, trabalhadores que frequentavam o sindicato e nada obtive que me permitisse chegar a outra explicação. Tive acesso a informações sobre origens de expansões gasosas. E não houve avanços na relação com a empresa. Anos depois, ainda em Vitória, assisti palestra sobre a instalação de tampa da panela para evitar acidentes assemelhados. Fiz questão de perguntar sobre dificuldades que teriam ocorrido na concepção da tampa. A resposta que recebi foi: a companhia brasileira era sócia de unidades instaladas no Japão e na Itália onde as respectivas panelas sempre tiveram tampas. A panela brasileira ficara aberta por razões financeiras e o acidente criara as condições necessárias para a correção tardia. O mesmo tipo de resposta poderia ser dado por renomado especialista contratado pela empresa. Especialmente se agisse mais como ‘consultor’ do que especialista “isento”.

Costumo contar essa história como sendo do meu *curriculum mortis*, expressão usada pelo filósofo Leandro Konder criticando o egoísmo do currículo vitae em que só são registradas as vitórias obtidas. Tive minhas derrotas.

Nesse tipo de situação talvez a principal lição a ser aprendida é: nunca aceite sem checagem a primeira história. Mais cuidado ainda se a explicação atende plena e exatamente aos interesses da contratante. Cheque quem paga aos profissionais em questão. A análise de acidente é processo coletivo que precisa de interlocução com portadores de conhecimento capazes de e que aceitem responder o que e como aconteceu.

O responsável pela área de segurança agiu mais como advogado de defesa da empresa do que como profissional encarregado da prevenção. Na época, não consegui desconstruir as resistências que ele ajudou a criar.

Atualmente recomenda-se que a ida a campo seja antecedida por preparação - incluindo no mínimo a versão de trabalhadores conhecedores da atividade - e, também estudo apoiado em exploração na internet e consultas a profissionais de confiança.

A equipe deve receber formação prévia e dispor de canais de diálogo acionados em caso de dificuldades.

Três tipos “muletas” ou conceitos mais simples podem guiar a coleta e a interpretação de dados na análise de acidentes.

O primeiro, apoiado na Ergonomia, é o estudo do trabalho habitual, inclusive em situações de variabilidades.

As análises de *mudanças* e de *barreiras* completam esse ferramental. A principal mudança a ser explorada nesse caso é a expansão gasosa ocorrida na panela.

Representantes da empresa tendem a descrevê-la como processo técnico, sem nenhuma relação com as escolhas feitas sobre materiais, manutenção, pessoal, condições de processo, etc. A análise deve buscar causas das causas até obter explicação que associe dimensões técnicas e sociais desse evento. A expansão gasosa não surge por geração espontânea e a investigação deve revelar como escolhas de gestão favoreceram suas origens.

A análise de barreiras inclui reconhecimento da possibilidade de expansão como perigo / risco com pergunta sobre razões para a falta de barreiras como a tampa.

Questões possíveis seriam: a gestão de segurança identificou o perigo e solicitou correções? Houve decisão formal de não instalar tampa? Quem participou na discussão? Quais as razões apresentadas? [...] Se profissional da empresa ou especialista por ela contratado alega impossibilidade de instalação da tampa, afirma que panela sem tampa é o “único jeito possível” caberia à equipe perguntar “Você tem certeza que esse é o único jeito possível?”, “Não conhece nenhum outro jeito diferente?”

A resposta deve ser documentada e registrada na análise. Perguntas como as acima podem dificultar respostas dadas com o intuito de dificultar o desenvolvimento da investigação. Além disso, profissionais não gostam de admitir que “não sabem” e isso pode fazer emergir mais informações a serem consideradas.

Embora fique evidente a necessidade de que serviços de vigilância de acidentes estabeleçam pontes com universidades e pesquisadores, que possam aportar conhecimentos científicos e tecnologias de apoio à sua atuação em casos assemelhados, o caso também mostra a necessidade de confiar desconfiando, de considerar que interlocutores podem agir com intenção explícita de dificultar o esclarecimento dos fatos.

E nem sempre a escola e as formações oferecidas incluem situações que ajudem equipes de vigilância ou auditoria fiscal a lidar com esses tipos de dificuldades.

Explicar a expansão pode ser algo trabalhoso, mas mais difícil é lidar com a resistência ideológica e política que tenta obstruir o desenvolvimento da intervenção pública de prevenção. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.